

Ilustrações retiradas da coleção de flipbooks Fliptum, gentilmente cedidas por Rodrigo John

Curta brasileiro recente

Que nos primórdios o cinema era curto, isso todos sabem. Da mesma forma, é conhecimento difundido o processo pelo qual o longa-metragem tornou-se o principal meio de realização e principalmente de exibição de filmes no mundo. A partir do momento em que isso acontece, no entanto, o curta-metragem passa a atender principalmente a três interesses: o de servir como porta de entrada ao cinema para jovens realizadores que não possam gastar tanto fazendo seu filme; o de permitir as experimentações de linguagem; e o de restar como salvaguarda do documentário, que também vira um gênero de difícil difusão. Pois bem, a produção brasileira de curtas nos anos 90 consegue contrariar todas estas premissas. Há algo de positivo nisso, não há dúvida, mas também há algo de muito perigoso, se formos analisar as razões desta mudança.

Os anos 90 viram o cinema se tornar um passatempo muito caro. Dessa forma, mesmo para realizar um curta, dificilmente um jovem realizador pode dispôr pessoalmente do dinheiro para pagar pelos equipamentos, laboratório, insumos (é fato que o digital pode mudar isso em breve, mas nos atemos aqui aos anos 90). Além disso, os anos 90 viram desaparecer o espaço de exibição aberto pela Embrafilme antes dos longas, o que muitas vezes incentivava e subsidiava a produção de curtas. Como resultado do primeiro processo (encarecimento), os campos da experimentação e do documentário perdem espaço, pois dificilmente se pode experimentar com altos custos, e menos ainda filmar documentários, que requerem geralmente mais negativo. Como resultado do segundo (fim da exibição), os curtas se mudam para o circuito cada vez maior dos festivais de cinema. Com isso, ao invés de um público maior, passam a

enfrentar apenas os olhos “educados” da platéia especial desses eventos, onde pouco se discute e muito se aplaude. E também onde um prêmio significa dinheiro, então devemos agradecer também ao júri e comissões de seleção.

Pior do que tudo isso, porém, é o fato de que, uma vez terminados os meios de financiamento próprios ou de investimento direto, o curta apela para uma forma de garantir sua produção que antes não era comum: os concursos de roteiro. Embora deva-se a eles a maior parte da produção universitária de curtas nos anos 90, e por isso eles são muito bem-vindos, a predominância deste modelo levou a distorções fantásticas no que se pensa como curta. Pois roteiro é roteiro, filme é filme. Não vamos aqui começar a discussão da relação entre um bom roteiro e um bom filme. Vamos apenas constatar que um concurso de roteiros contempla apenas um tipo de produção. Não o experimental, nem o documentário, que dificilmente se explicam como roteiros. E nem todo tipo de ficção, mas aquela que possui bons diálogos, boas sacadas, piadinhas, etc. Filmes de papel, não de película. Com isso, a produção brasileira nos cinco últimos anos da década, embora cresça muito em quantidade, cai muito em qualidade. Isso se não entendemos qualidade como a “fotografia bela”, ou a “risada fácil”, ou o “bom som”. E sim, especialmente no curta, campo primeiro da novidade, como as experiências que levam o cinema mais adiante. Com os riscos e erros que tanto nos fascinam e ensinam. Pior, como os concursos de roteiro, em sua maioria, pedem currículos, nem como lançador de valores o curta sobressai mais, pois vemos inúmeros filmes de “figuras carimbadas”.

O resultado tem sido uma produção de ficção extremamente comportada, cheia de piadinhas fáceis e mini-longas inconclusos para cada filme efetivamente interessante. O ano de 2000 tem sido especialmente fraco neste sentido, embora com uma produção maior do que todos os outros. Nenhum curta arrebatado de fato (embora alguns curtas do segundo semestre tenham estreado em festivais a que não compareci). O único sopro parece vir do Nordeste, com o único curta verdadeiramente inovador do ano, *A.M.A. Ceará*, de Pedro Martins, não por acaso um filme bancado com recursos próprios, em 16mm. Há ainda os outros filmes pernambucanos, paraibanos e cearenses que foram, no geral, disparados os melhores do ano. É pouco se pensamos nos curtas que já nos foram proporcionados em décadas anteriores, ou mesmo nesta.

É claro que os mais espertos tentam virar este discurso pela multiplicidade ao contrário. Vejam bem, está longe de ser minha intenção pedir a extinção dos concursos, nem dizer que tipos exclusivos de filmes devemos fazer, como os alguns vão querer entender neste texto. O fato é que, discretamente e “democraticamente” estão já fazendo isso, tolhendo e proibindo. O que se deve brigar é por outras maneiras de incentivar esta produção que não a dos concursos. Viva os concursos, que continuem e se multipliquem. Viva a produção do filme-piada e do longuinha. Mas não podemos aceitar que seja só isso. Pois é caso de perguntar: para quê afinal serve o curta hoje??

E aí, um prêmio como o dedicado aos novos realizadores no Festival Internacional de Curtas de São Paulo, o Prêmio Revelação, que permite a realização de um segundo curta aos estreantes, vai para um filme de uma produtora de comerciais, com todos os tiques de “qualidade” e clichês possíveis, permitindo assim a quem já tinha os recursos para tal, realizar um próximo clássico do cinema, com certeza. Só para constar, Pedro Martins era um estreante, como também André Francioli (ver texto pg. 79), Otávio Pedro (ver texto pg. 80), Liz Donovan, para citar realizadores de belos e corajosos filmes em 2000. Não é caso, mais uma vez, de se querer “dirigir” premiações nem contestar julgamentos. O importante é ter olhos e ver o que este prêmio “revela” do curta brasileiro em 2000. Só não entende quem não quiser...

Eduardo Valente

*Editor da Revista Contra-Campo
Organizador do Festival Universitário de Cinema*

A.M.A. CEARÁ

“A diversidade da mostra se explicita com o surpreendente *A.M.A. CEARÁ* de Pedro Martins. Desgovernado, anárquico e insolente, embora desbragadamente amoroso em cada fotograma dedicado ao seu artista, artesão e personagem, Martins mistura todas as linguagens do cinema em seu curta-metragem de estréia. Mestre Alves, escultor à faca, é um performer magistral que aceita todas as regras lúdicas propostas pela lógica da espontaneidade. Vamos reinventar o cinema, parece propor o diretor, mas buscando todas as delícias do improviso planejado. Há espaço para todos os cúmplices: o fotógrafo mistura matizes e densidades cromáticas e o montador alça vôo ao sabor do descompasso.

Na antológica, e quase bíblica, seqüência final, por sugestão do próprio artesão-personagem, o cinema dá vez à alegria da camaradagem. Vida e obra se integram, numa inédita conclusão dionisiaca.

Outro escândalo: *A.M.A. CEARÁ*, um dos mais ovacionados em São Luís, nem foi selecionado para o festival do Estado em que foi filmado!”

Carlos Reichenbach

*Cineasta,
na coluna de cinema do site Terra, durante o festival Guarnicé.*

